

BNP defende interferência do FMI

por Cristina Borges
do Rio

A interferência do Fundo Monetário Internacional (FMI) na renegociação da dívida externa brasileira, a redução imediata e rápida da taxa de inflação, e não da forma gradual como está sendo feita; e o saneamento da economia interna do País são os principais pontos defendidos pelo diretor dos estudos econômicos e vice-presidente do Banco Nacional de Paris (BNP), Gabriel François, para solução da crise econômico-financeira do Brasil.

François esteve ontem no Rio, onde fez uma palestra sobre a crise econômica mundial. Na sua opinião, os

aumentos do governo brasileiro para conseguir um acordo mais flexível com os credores estrangeiros são falsos, porque o grande problema do Brasil é o déficit público. "Só acabando com o déficit público e com todos os orçamentos públicos deficitários é que se obtém controle e redução real da inflação, que também é alimentada pelos reajustes salariais. Se esses fatores não forem atacados, permanece a necessidade de expansão da base monetária", afirmou.

Ele acha "insuportável" a possibilidade de o Brasil declarar moratória unilateral para a dívida externa, porque nesse caso "teria cortado todos os laços econômicos com o resto do mundo". Gabriel François ressaltou que a atribuição de renegociador da dívida externa brasileira não é de sua competência no BNP, e que as opiniões por ele reveladas são estritamente pessoais. Mas admitiu que, se a moratória brasileira se concretizar, "será deflagrada uma crise econômica mundial". François prefere não acreditar em uma decisão unilateral da parte brasileira.

Para Gabriel François o principal problema brasileiro não é a renegociação de sua dívida externa, mas sim a diminuição da taxa de inflação e do equilíbrio monetário. Considera o Plano Cruzado corajoso, embora precise de complementação no que se refere ao saneamento das contas públicas. Quanto ao congelamento de preços, Gabriel François disse não ter nenhuma indulgência para com essa medida, que só é admissível por poucas semanas, para que haja modificação na mentalidade das pessoas e ganhe sua credibilidade.

O vice-presidente do BNP parte do pressuposto de que a confiança é fundamental para a renegociação da dívida externa do

Brasil. "Quando um país tem uma taxa de inflação de 400% e só consegue reduzi-la para 40%, isso indica que a confiança não voltou". Se a inflação não baixou realmente, isso indica que as taxas de juro continuam altas, de 150 a 160% ao ano", analisou Gabriel François.

Citou como exemplo de redução da taxa de inflação a reforma monetária da Alemanha em 1948, salientando que o tratamento de efeito imediato é menos doloroso que o gradual. "Não quero interferir nos negócios de outro país, mas quando uma pessoa está doente, ela precisa ser curada."

François revelou que existe grande interesse dos países europeus em investir no Brasil, mas eles não o fazem de forma mais efetiva "devido à desordem das contas internas brasileiras". Acrescentou que, para os investidores franceses, no Brasil, o maior problema é a dificuldade de repatriação do capital. "Os capitais são como os camundongos: não gostam de ficar presos", ironizou.

O vice-presidente do BNP fará uma palestra amanhã, em São Paulo, e, na segunda-feira, irá a Brasília, onde se reunirá com diretores do Banco Central. O Banco Nacional de Paris possui dois escritórios no Brasil, um no Rio de Janeiro e outro na capital paulista e detém 45% do capital do Banco Cidade. Os financiamentos feitos ao Brasil, principalmente ao setor público, somam US\$ 1,2 bilhão.